

Aureliano só concorda com indiretas mudando Colégio

Brasília — “Eu não concordo com o Colégio Eleitoral. Se não se modificar nada, se não houver mudança constitucional, é óbvio que não posso caminhar nessa direção”, afirmou ontem o Vice-Presidente da República, Aureliano Chaves. Ele só pretende manter sua candidatura à sucessão presidencial em duas hipóteses: restabelecimento das eleições diretas ou mudanças no processo indireto, como resultado da negociação interpartidária.

Segundo Aureliano, “numa eleição direta, a disputa é natural, mas, numa indireta, só se fará a transição com negociação”. Por isso, ele garante que se estivesse no Congresso Nacional, como parlamentar, votaria contra o Colégio Eleitoral “nos termos em que está posto hoje”. Essas declarações foram prestadas ao JORNAL DO BRASIL, ontem pela manhã, no gabinete da Vice-Presidência.

“Peças”

Apesar da defesa insistente da negociação, Aureliano acentua que não está participando do entendimento entre o Governo e as Oposições: “Isto deve tramitar pelo Congresso Nacional, através dos partidos políticos e suas lideranças, e ser arrematado pelo Presidente da República”, opina. Não nega, contudo, que tem tido “contatos informais” com parlamentares da Oposição, como os Senadores Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP) e Saturnino Braga (PDT-RJ), por exemplo.

Explica: “Os contatos formais ficam a cargo do presidente do PDS, Senador José Sarney, e dos outros presidentes de partido, como o Deputado Ulysses Guimarães, que representa o maior deles”. Na sua opinião, os governadores são “peças importantes”, mas volta a insistir que “o setor competente” para negociar é o Congresso Nacional.

— E o Governador Tancredo Neves?

— Todos são peças importantes, mas os entendimentos transitam fundamentalmente pelos partidos políticos — escapa o Vice-Presidente.

— Qual o papel dos atuais presidenciais indiretos nessa negociação?

— Que eu deva participar nos arremates finais, como os outros candidatos, acho que sim. Mas também somos peças, e não a essência.

Reforma

Aureliano raciocina que “o entendimento é a saída para a Oposição e também para o Governo. Fora disso, é o confronto”. E continua: “A esmagadora maioria dos brasileiros deseja as diretas e a maioria do Congresso Nacional também, mas o quorum de dois terços para a sua aprovação só será possível com um amplo entendimento. Eu ainda não vi qualquer emenda ter esse quorum, sem entendimento”.

Mas, se defende que esse entendimento seja “com ambas as partes cedendo”, o Vice-Presidente para um pouco, pensa e é com cuidado que responde à possibilidade de o entendimento resultar num nome da Oposição:

— Se o PDS quiser abrir mão de sua condição de partido relativamente majoritário, aceitando um nome de outro partido, é problema do PDS e não meu.

Ele defende, ainda, o aperfeiçoamento da legislação eleitoral para facilitar a criação de novos partidos, “pois os que estão aí não são cristalizados, existem pontos-de-vista divergentes no PDS, no PMDB e nos outros”. Mas, rapidamente, ressalta: “Eu sou homem do PDS”.

Aureliano Chaves informou, por último, que “qualquer atitude” que venha a tomar será previamente comunicada ao Presidente Figueiredo, ao ex-Presidente Geisel e ao grupo parlamentar que o apóia. Amanhã cedo, ele vai a Minas Gerais, onde permanece até o dia 7. Neste dia, estará no Rio de Janeiro.

**ELIANE CANTANHEDE
E VANDA CÉLIA**